

PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: Vandana Shiva

BIOGRAFIA: Vandana Shiva é uma escritora e ativista feminista indiana.

INT. CASA Da VANDANA SHIVA / DIA

BLOCO 1

NARRADOR

Vandana Shiva é uma das mais importantes ativistas ambientais do mundo. Nascida na Índia, publicou vários livros e ganhou o “Right Livelihood Award”, que é frequentemente considerado o Prêmio Nobel alternativo. Neste bloco, ela fala dos efeitos da globalização, de sua batalha contra os transgênicos e de como a escassez de água no planeta é causadora de conflitos e guerras.

VANDANA

“Guerras por água” é um livro sobre os conflitos diários que são gerados por um modelo de desenvolvimento e economia que utiliza toda a água e deixa poluída a água que resta. Um exemplo de guerra por água é quando os rios são desviados. Um exemplo disso: quando um rio é desviado. Quando um rio é represado e desviado do seu fluxo natural para outra área, as pessoas que costumavam ter água desse rio, agora não têm mais essa água.

FOTO: Capas dos livros “Soil Not Oil”, “Biopiracy” e “Monocultures of the Mind”
FOTO: Vandana Shiva recebendo o prêmio

FOTO: Capa do Wallstreet Journal
FOTO: Capa do livro “Manifestos on the future of food and seed”
FOTO: Pessoa bebendo água num lixão

VINHETA: “Guerras por água”

FOTO: Rio Yamuna

Cria um conflito de guerra por água pois os habitantes locais serão deslocados. Esse é o tipo de guerra por água que vemos na Amazônia, no Brasil, com grandes represas. E eu sei que os índios estão preocupados com isso. Existem outras guerras por água causadas pelos desvios. Agências como o Banco Mundial financiam esses desvios e agora, cada vez mais, financiam essa ação para tirar água dos vilarejos para as cidades, pois nas cidades as pessoas tem o dinheiro para comprar essa água. Nos vilarejos, as pessoas não podem pagar pela água. Então, você tira a água da agricultura para a indústria, de áreas rurais para áreas urbanas. Eu me lembro que há cinco anos, fui solidária com um grupo de fazendeiros que estavam protestando contra a seca de seu rio, pois o rio estava sendo desviado para a cidade. Os poços estavam secos, os campos queimados. Eles protestaram e cinco foram mortos, incluindo uma mulher, que estava dando água para os fazendeiros que protestavam. Existe uma guerra de água em torno de algo muito inocente: uma garrafa de água. Quando bebemos água de uma garrafa nós pensamos que ela saiu do nada. Mas essa água estava em algum lugar na terra.

Em 2002, fui convidada por um grupo de mulheres da cidade de Kerala, no Sul da Índia, uma vila chamada Plachimada.

FOTO: Manifestação indígena contra Belo Monte

FOTO: Banco Mundial

as disseram “Venha com a gente, vamos protestar contra a Coca-Cola”, perguntei “Por que vão protestar contra a Coca-Cola? ” “Venha e descubra”. Diariamente, Coca-Cola retirava 1,5 milhões litros de água por dia. O nível de água caiu tanto, que as mulheres não tinham mais água e tinham que caminhar 16km para conseguir água limpa potável. Então, elas começaram o protesto para que a empresa fechasse. Eu trabalhei com elas, fiz a pesquisa com elas, mobilizei o sistema político e o processo democrático. Abrimos cinco processos, a empresa fechou em 2004 e não reabriu mais. Essa foi uma história de guerra pela água. Às vezes, as guerras são entre países. Israel desviou os rios. Sob o conflito entre israelenses e palestinos, existe uma guerra por água. O conflito entre o México e os EUA, onde os rios que passavam pelo México não fluem mais porque os EUA usaram toda a água. A Terra nos dá água suficiente. Nós não precisamos ter guerra por água, podemos viver em paz com a água. Porém, só se vivermos nos limites do ciclo da água e reconhecermos o direito que toda pessoa tem à sua parte e reconhecer que ter mais que a sua parte é um crime ecológico, um crime de guerra.

Nós ouvimos inúmeras vezes que modificação genética e biotecnologia são necessárias para acabar com a fome. Porém, não reduziu a fome. Desde que a modificação genética foi introduzida nas sementes há 15 20 anos, a fome aumentou. Hoje, há 1 bilhão de pessoas famintas.

As três razões pelas quais a modificação genética não reduziu a fome: a primeira é a tecnologia, não aumenta a erva daninha, ela vem da planta original e inserida onde o novo gene foi colocado. Esse novo gene só tem dois tipos, o primeiro para tolerar modelos de herbicidas para a empresa vender mais herbicidas, como Roundup. O segundo é gene tóxico que produz um pesticida dentro da planta. O primeiro é chamado de cultivos resistentes à herbicida e o segundo de cultivo tóxico. Agora, se eu adicionar um cultivo tóxico no milho, a erva daninha do milho vem da semente que eu uso, e não da modificação genética, que contribui somente com a toxina. Mas na verdade tem uma redução na erva daninha e isso por duas razões: sementes geneticamente modificadas só crescem como monoculturas. Por exemplo, quando você usa soja geneticamente modificada Roundup é necessário espalhar e isso mata todo o resto.

Isso não permite cultivar milho junto com a soja. Como resultado, você tem menos alimento por área de terra. Nossos estudos mostraram que quando você intensifica a biodiversidade e faz cultura mista, obtém mais nutrientes e alimentos por área de terra. Então, a modificação genética na verdade reduziu a viabilidade de comida, tanto pelo padrão de cultivo quanto pela modificação genética. Há uma segunda razão pela qual a modificação genética não está acabando com a fome, ela é introduzida em um meio de agricultura que não produz alimento, produz mercadoria. Mercadoria é algo que você vende pelo lucro, alimento é algo que você come para se nutrir. Quando você muda de alimento para mercadoria sua base de biodiversidade encolhe. A humanidade comeu 8.500 espécies ao longo da história. Brasil, Índia estão entre os países onde devido às nossas riquezas e biodiversidade, temos uma dieta diversificada.

Quais são as colheitas geneticamente modificadas espalhadas nos últimos quinze anos? Soja, milho, canola e algodão. Isso não é suficiente para uma dieta. Mas para onde a maior parte do milho e da soja vão? A soja alimenta os animais na Europa e o milho produz etanol. Então você está tanto desviando a comida para produzir energia quanto para

VINHETA: “A China vai dominar o mundo?”

<p>alimentar gado. Não se produz comida para as pessoas. Mercadoria não é comida e comida não é mercadoria.</p> <p>A globalização que estava tomando lugar ao longo dos anos 80, quando estava sendo negociado o que veio a ser o Acordo Geral das Tarifas e Comércio e foi concluído como a Organização Mundial do Comércio, em 1995. Todos os tratados da OMC foram escritos pelas próprias corporações. O tratado de agricultura foi escrito pela Cargen, cujo vice-presidente tomou a frente das negociações com o governo dos EUA e comanda o tratado. E o que empresa faz? Coleciona uma grande quantidade de subsídios e despeja em outros mercados - sei que isso ocorreu com a soja em 98. Como consequência do chamado “mercado livre e globalização”. Forçaram a Índia a remover as restrições e levaram o caso à OMC. Começaram a despejar soja, acabando com a mostarda, gergelim, coco. O valor do coco caiu de 10 rupias para 1 rupia para o produtor e os produtores começaram a derrubar os coqueiros. O subsídio era US\$190 por tonelada, o valor internacional era US\$150. Se somassem US\$190 e US\$150, não tinha como a empresa vender óleo de soja na Índia.</p>	<p>VINHETA: “Globalização”</p> <p>FOTO: Reunião da OMC</p>

Porém, US\$400 bilhões de subsídio foi o que ganharam em países ricos para destruir nossa agricultura e fazendas. Ao elaborar os acordos da OMC, essas empresas decidiram que seriam donas do planeta. Cinco empresas decidiram que seriam donas da água. Cinco empresas decidiram que seriam donas das sementes. Na verdade, na cúpula do Rio+20, houve uma tentativa de falar de “Economia verde”, que era uma intenção das corporações de possuir o planeta todo. Até a última folha de capim, o metabolismo das formas de vida, a capacidade de absorção de dióxido de carbono das florestas e sua habilidade de prover oxigênio. Eles não querem só possuir os recursos naturais, como querem possuir os processos de vida e natureza. Na minha opinião, essa é uma ideia tão destrutiva, que precisamos recuperar a ideia do que é a autêntica economia verde.

Uma economia verde autêntica é a economia da natureza, a economia da biodiversidade, dos direitos ao básico que é vital para vida. A água que bebemos, as sementes que cultivamos, o ar que respiramos, devem ser nossos direitos, não podem ser transformados em mercadorias de troca. Esse será o próximo desafio da humanidade, como defender os bens da natureza como nossos direitos.

BLOCO 2:

NARRADOR

Nesse bloco, a ativista ambiental Vandana Shiva fala dos movimentos antiglobalização, do crescimento econômico da Índia e do lugar da mulher no mundo contemporâneo.

SHIVA

Eu testemunhei cada passo do processo de globalização ao ser institucionalizado. A Índia, como o Brasil, queria negociar o acordo. Eu me lembro do embaixador do Brasil, na época do Acordo Geral Sobre Tarifas e Comércio, o nome dele era Ricupero, ele dizia “A escolha que estão nos dando é a mesma que dão a uma galinha ao ser devorada. Perguntam a ela como gostaria de ser devorada?” Era esse o tipo de escolha que estavam dando ao Brasil e à Índia. Em realmente, em 1991, Arthur Dunkel, que era diretor-geral do acordo disse “Eu redigi o texto, aqui está. É pegar ou largar. Aceitem e sejam incluídos no acordo ou não assinem e serão excluídos do comércio internacional.” Todos os países foram obrigados a assinar o acordo da OMC em Marrakesh, em 1994.

ENTRA VINHETA DE RETORNO DO PROGRAMA

FOTO: Manifestante do movimento Occupy
FOTO: Capa do livro “India Divided”, de Vandana Shiva

VINHETA: “Movimentos antiglobalização”

FOTO: Rúbens Ricupero

FOTO: Site do International Forum on Globalization

Portanto, em 1994, muitos se reuniram no mundo todo para formar o Fórum Internacional sobre Globalização. Organizamos encontros em Seattle e a reunião ministerial não foi adiante. Foi uma beleza ver cidadãos de vários países, inclusive do terceiro mundo, se tornaram uma força única contra a pressão pelo comércio livre, para dominar a economia com as corporações globais. Isso não é comércio livre, é comércio forçado. E nós conseguimos expor a pressão e a violência disso. Desde então, a OMC nunca se recuperou. A rodada de Doha foi fraca. Lembro que meu embaixador estava resistindo muito, se recusava a ceder. No meio da noite, nosso primeiro-ministro recebeu uma ligação dizendo que o embaixador não deveria resistir mais à abertura do mercado, caso contrário... Vocês devem lembrar que a rodada de Doha foi logo após o 11 de setembro. O slogan era “Quem não está junto conosco, está contra nós”, então, se não estiver conosco no comércio, faz parte do terrorismo. Esse foi o tipo de chantagem que usaram.

Bem, nós vimos os resultados da globalização nesse curto período, menos de duas décadas. Esse modelo desmoronou. Nós vimos a Europa sucumbir diante de nossos olhos. Vimos a América sucumbir diante de nossos olhos com a crise de Wall Street, em 2008.

Essa economia é mantida viva com o dinheiro de nossos impostos. Deram 16 trilhões de dólares aos bancos para mantê-los vivos. E é triste que países como Índia e Brasil também ajudam nisso. Eu penso que aqueles que nos exploraram não deveriam receber ajuda, e sim o nosso povo, com os recursos que existem. Portanto, a globalização morreu. Essa globalização da ganância quer sobreviver por mais um tempo. É aí que entra a linguagem da economia verde. “Nós destruimos a agricultura, causamos a fome, pegamos as sementes e destruimos a biodiversidade. Agora, vamos pegar tudo de uma vez, acabar com o último camponês, acabar com a liberdade e a vida.” Porém, estão querendo demais. Estão destruindo a democracia em toda parte, destruindo a soberania e também a capacidade do planeta de prover. E as pessoas estão buscando outro modelo. Nas ruas dos EUA, o Movimento Occupy. Nas ruas da Europa, o Movimento Indignados.

Nós estamos criando um novo movimento de democracia, que diz basicamente: somos uma só humanidade e somos todos parte de uma democracia na Terra. Você, que pensam que mandam, essas cinco corporações que querem ser donos da água, das sementes e dominar a venda de alimentos. Vocês não podem ser os donos deste planeta. Este belo planeta quer liberdade. O povo deste planeta quer

FOTO: Still do filme “Para Roma, com amor”

O povo deste planeta quer liberdade. Nós vamos trabalhar juntos para defender a vida e a liberdade de todas as maneiras.

E assim como o - WTA - está morto, é preciso pensar que essas corporações gigantes que querem acabar com todos os recursos do planeta, não vão morrer enquanto puderem roubar esses recursos. Como uma célula cancerígena: uma célula cancerígena só cresce enquanto consegue ser parasita, mas quando o corpo fica saudável, há uma regressão. Um câncer só pode crescer ou regredir. As corporações são o câncer do planeta: elas crescem, mas quando violam os limites da ecologia e da sustentabilidade ecológica, os limites da ética, da justiça e da igualdade social, elas têm que ser levadas de volta à democracia e, assim, elas vão encolher. Existiu uma vez uma empresa no leste da Índia que dominava o mundo, dominava a Índia e 80% do planeta; onde está essa empresa?

Eu vivo na Índia. Se você medir o crescimento em termos da quantidade de dinheiro que circula, sim, nunca tivemos tanto dinheiro. Onde fica o dinheiro? No alto, na mão de poucos. A Índia cresce e vemos muitos carros nas ruas. Todos os indianos têm carros? Não. Meu pai tinha um Austin velho quando éramos crianças

VINHETA: “O crescimento da Índia”

e ele fazia parte dos 4% que tinham carro. A população que tem carro explodiu, ainda é 4%, só que agora toda família rica tem 4 ou 5 carros. Os muito ricos têm uns 20. O homem mais rico da Índia, que é o 4º mais rico do mundo, construiu uma casa de 36 andares com 4 andares somente para os carros. Em termos de carros, de lucros e bilionários, a Índia está crescendo. Porém, cresce de maneira trágica, não deveria ser assim.

Nesse espírito de alto crescimento, nos últimos 15 anos, a Índia conseguiu a tragédia de se tornar a capital mundial da fome. Hoje, temos mais fome que na África. O Brasil zerou a fome e reduziu a má nutrição. Na Índia, a má nutrição é tão extrema, que 1 a cada 4 pessoas têm fome. E cada segundo filho é tão malnutrido, que ficam atrofiados e não se desenvolvem. Isso significa que metade da Índia e de seu futuro estão acabados. Quando um bebê fica atrofiado, o cérebro nunca funciona. Se um bebê de seis meses não se desenvolve, seu corpo não vai crescer o bastante para realizar trabalho físico. Será uma pessoa com deficiência física, mental e intelectual. Nesse período, os lucros do mercado de sementes aumentaram muito, e isso aparece nos números. Porém, nossa biodiversidade sumiu e 250 mil agricultores indianos cometeram suicídio.

Nesse período, a violência contra mulheres aumentou. As terras de tribos e camponeses foram tiradas à força com uma violência inimaginável. Forças militares e paramilitares são usadas para ajudar a indústria global, que quer explorar as terras da Índia, a remover os habitantes locais, embora nossa constituição dê a garantia de que o direito de decidir o destino de seus recursos é dos povos indígenas. Essa emenda constitucional foi criada em 1994, chamada a lei de auto-gestão. A constituição é violada, direitos ambientais são violados, o direito ao alimento é violado. Nossos rios estão morrendo, o sagrado rio Ganges está morrendo. Há crescimento nas margens, mas traz poluição, as cidades despejam lixo, a indústria mata o rio.

Ao medirmos o crescimento, é essencial medirmos o crescimento da natureza. O crescimento dos rios, dos solos, das crianças. Um crescimento que ignora o que vai acontecer com as gerações futuras, com a base da nossa sobrevivência, com recursos como sementes, solo, água e florestas é um crescimento distorcido. A Índia, infelizmente, pagou um alto preço para a natureza e para o povo indiano.

A condição da mulher no mundo hoje, na Índia, no Brasil, tem dois lados. Por um lado, a violência contra a mulher nunca foi tão grave. Temos mais estupros e mais assassinatos. Na Índia, há um fenômeno louco, que é matar a menina antes de nascer, o feticídio feminino. O aborto foi legalizado, mas ao mercantilizar a vida e tratar a mulher como sexo dispensável, essa violência é inevitável. Ao mesmo tempo, esse é o momento em que as mulheres estão mostrando que existe outro caminho. Há outro caminho além dessa economia suicida e de autodestruição, da violência, exclusão e desigualdade. Muitas das estruturas que temos hoje foram criadas de forma consciente sob um pensamento e patriarcal. Quando Bacon disse “O conhecimento do povo não vale, vamos criar um novo conhecimento masculino para que venha um início dos tempos masculino.” Descartaram o conhecimento da mulher, da ecologia, dos povos indígenas. E criaram um conhecimento destrutivo, que sabia destruir, mas não sabia criar. Que sabia violar, mas não conhecia a violação. Esse período masculino acabou. Nós precisamos de um conhecimento feminino. As pessoas estão se ando conta disso, em toda parte. Quer entender as sementes? Quem conhece são

VINHETA: “A condição da mulher hoje”

FOTO: Estátua de Francis Bacon

mulheres que cuidam das sementes. Quer cuidar da água? Quem conhece são as mulheres que buscam. Quer saber como estão as crianças? Quem sabe melhor é a mãe que cuida delas. Ela sabe quando a criança está doente, quando está saudável, sabe qual é a melhor nutrição. A nossa economia é igualmente masculinizada. Quanto às regras de produção, ela diz: se você produz o que consome, não produz. Porque a base é a mercantilização de tudo, trazer recursos ao mercado e transformar todos em consumidores. E criaram o conceito artificial de crescimento - com o produto interno bruto - para parecer que algo está crescendo. Quando as mulheres produzem, produzem para os lares, mas dizem a elas: “Mulheres não trabalham.” A natureza produz muito mais do que a humanidade seria capaz; seja a água, a polinização das abelhas, a fertilidade do solo com minhocas, a natureza não produz porque ela recicla, consome o que produz. Portanto, reciclagem e renovação não contam, destruição é que se torna crescimento criativo. Precisamos tornar a economia feminina. Fazendo isso, nos livramos das regras de produção, do crescimento artificial. Graças a Deus, existem instituições que dizem: vamos além do crescimento. Eu trabalho com o governo do Butão para produzir alimentos orgânicos. O Butão diz: não vamos medir

o produto interno bruto, vamos medir a felicidade interna bruta, o bem-estar do povo. Uma economia feminina olha para o bem-estar. Tem como base o carinho, o compartilhar. A economia patriarcal capitalista quer tirar, lucrar, dominar, e nesse processo, alega que trouxe crescimento, mas trouxe escassez para a natureza com a crise ecológica, para a sociedade com a fome, as doenças, a má nutrição, o desemprego. Chegou a hora de um mundo feminino. E nesse mundo, as mulheres precisam liderar, claro, porque queremos líderes para a economia verde, e nós somos um pouco melhores em compartilhar os recursos e criar uma economia de cuidado.